MEIO SOL AMARELO: AS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE[1]

Tássia Tayná da Silva Alves[2]
Elis Regina Fernandes Alves [3]

RESUMO. Este trabalho tem como objetivo geral identificar e demonstrar as diferenças das personagens (Kainene e Olanna) do romance *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozi Adichie, de modo a compará-las entre si, frente ao papel da mulher de sua época. Nesse sentindo, enfatizou-se a mulher no século XX, apoiando-se nos teóricos Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980) e outros, a fim de demonstrar o que era imposto às mulheres na época. Outro aporte teórico usado foi no segmento da teoria feminista, com abordagens de Saffioti (2004), Woolf (s.d), Beauvoir (1980), entre outros, explicando tal movimento, e de que maneira contribuiu para o empoderamento da figura feminina diante da sociedade patriarcal, como também sua influência ao campo literário. Por meio da análise identificou-se que as irmãs, apesar de serem gêmeas, tem características físicas e personalidades divergentes uma da outra, sendo que em alguns aspectos se mostram à frente do seu tempo, em outros recaem nos ideais do patriarcado.
Palavras-chave: Chimamanda Ngozi Adichie; Feminismo literário; *Meio Sol amarelo*.

ABSTRACT. This work has as aim to identify and demonstrate the differences of the characters (Kainene and Olanna) of the novel *Half a Yellow Sun*, by Chimamanda Ngozi Adichie, in order to compare them with each other, in relation to the role of woman of their time. In this sense, women were emphasized in the twentieth century, by the view of theorists Alves and Pitanguy (1985), Beauvoir (1980) and others, to demonstrate what was imposed on women in that time. Another theoretical contribution was on the feminist theory, with approaches by Saffioti (2004), Woolf (s.d.), Beauvoir (1980), among others, explaining this movement, and in how it contributed to the empowerment of women before the patriarchal society, as well as its influence on the literary field. Through the analysis, we noticed that the sisters, despite being twin, have different physical characteristics and personalities from each other, in some aspects they are ahead of their time, but in other moments, they fall back on the ideals of patriarch.
Keywords: Chimamanda Ngozi Adichie, Literary feminism; *Half a Yellow Sun*.

INTRODUÇÃO

Este trabalho, intitulado ***Meio sol Amarelo*: as personagens femininas do romance de Chimamanda Ngozi Adichie,** analisa o romance em questão, sob o viés do feminismo. Visa demonstrar de que forma as personagens femininas mais importantes do romance, as gêmeas Olanna e Kainene, se comportam face ao sistema patriarcal da época, o qual sempre determinou as convenções sociais impostas às mulheres, que se refletem na cultura de seu povo, assim como o modo como se comportam diante da guerra civil de Biafra.

Optou-se em debruçar o trabalho no viés da teoria feminista, explicando tal movimento, suas características, seu surgimento, suas precursoras em diversas áreas, com ênfase na maneira como o feminismo influencia o campo literário. Trataremos, também, do papel da mulher do

[1] Artigo científico apresentado à Banca Examinadora como requisito para obtenção de nota na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso e obtenção de grau de Licenciatura em Letras Língua Portuguesa e Língua Inglesa.
[2] Acadêmica finalista do Curso de Letras IEAA/UFAM.
[3] Orientadora do Trabalho de Conclusão de Curso e Professora do Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/UFAM, Doutora em Letras - pela UNESP de São José do Rio Preto (2018).

século XX, entre a década de 60 aos meados dos anos 70, discutindo os direitos das mulheres nesta época, seus deveres, enfim, aquilo que a sociedade impunha a elas.

Dessa maneira a hipótese levantada é a de haver ou não divergências visíveis nas mulheres que serão comparadas no decorrer do trabalho, e de que maneira o feminismo pode ajudar a compreender as escolhas de tais mulheres tomadas na época.

Assim sendo, o objetivo geral deste trabalho é identificar e demonstrar as diferenças das personagens (Kainene e Olanna) que serão comparadas da obra *Meio Sol Amarelo.* Como objetivos específicos busca-se verificar como cada uma das duas mulheres se comporta de acordo com os papeis destinados às mulheres de sua época ou foge desses papeis.

O artigo será de cunho bibliográfico, com análise qualitativa do romance em questão. Inicialmente serão levantados aspecto das teorias do feminismo em termos históricos e literários, com autores como Alves e Pitanguy (1985), Beauvoir (1980), Perrot (2007), Saffioti (1976, 2004), Bonnici (2007), Zolin (2009 a e b), dentre outros. O romance será lido e trechos serão retirados para que se verifique o papel das personagens femininas.

1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1.1 O PAPEL DA MULHER NO SÉCULO XX

Ao longo da história da humanidade ouve-se que a mulher sempre foi o sexo frágil, e que por essa razão serviria apenas para ser dona do lar, esposa e mãe, era fiel ao serviço familiar, sem se ater a outras funções mais importantes que, em sua maioria, eram atribuídas ao sexo oposto, sendo este a figura masculina, a quem elas deviam maior respeito e submissão. Nesse sentindo Alves e Pitanguy retratam e exemplificam de que maneira as funções de homens e mulheres eram distribuídas:

> Tendo como função primordial a reprodução da espécie humana, a mulher não só gerava, amamentava e criava os filhos, como produzia tudo aquilo que era ligado à subsistência do homem: fiação, tecelagem, alimentação. [...] O "fora de casa", onde se desenvolviam as atividades consideradas mais nobres filosofia, política e artes era campo masculino. (1985, p. 11-12)

Em virtude disso algumas mulheres ainda tentavam escapar ou passavam despercebidas ao regime patriarcal, ao longo dos séculos, sendo, porém, minoria. De modo que a cada década a mulher é descrita de uma maneira, ora ela progride, ora ela regride no que diz respeito aos seus direitos. Assim sendo, farei uma breve cronologia da mulher nesse tempo, especificamente, no século XX.

Como já foi citado, o papel da figura feminina se voltava apenas a ser a “rainha do lar”, sendo que a mulher era educada para assumir tal atribuição, antes ela precisava casar, de modo que a maioria dos casamentos eram arranjados pelos pais da mulher, e após selado um contrato ou cerimônia a mulher devia total obediência ao marido. Nesse sentido Beauvoir frisa que “O destino que a sociedade propõe tradicionalmente à mulher é o casamento. Em sua maioria, ainda hoje as mulheres são casadas ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não o ser.” (1980, p. 165).

No entanto, em outros âmbitos, ocorriam mudanças na sociedade e à mulher era vetada sua participação, como por exemplo, os âmbitos político, econômico, social e outros. Mas, com o tempo, elas começaram a movimentar-se em busca de sua participação nesses segmentos, lutando a fim de conseguir tais direitos, no entanto não foi fácil, como podemos observar abaixo:

> De todas as fronteiras, a da política foi, em todos os países, a mais difícil de transpor. Como a política é o centro da decisão e do poder, era considerada o apanágio e o negócio dos homens *A polis* grega exclui as mulheres, tal como os escravos e os bárbaros, mas de maneira diferente. As mulheres podem intervir em caso de crise aguda na qual a existência da *polis* é posta em risco. (PERROT, 2007, p. 151)

Dessa forma percebemos que a luta foi intensa para a mulher participar das questões políticas, para conseguir a ter o direito ao voto, posto que durante muito tempo, pensou-se sobre política, como um atributo ao homem, como se a mulher fosse de alguma forma, prejudicar as decisões tomadas por intermédio político. Além do mais, muita coisa teve que mudar para se chegar a esse resultado, no qual a mulher participa de decisões políticas, por exemplo: pensamentos, costumes, tradições que a figura masculina carregava de forma dominante.

Em outra categoria na qual a mulher enfrentou grande dificuldade para se inserir foi no mercado de trabalho, sendo que quando começaram a exigir seu espaço nesse segmento a maioria dos esposos não lhes deram permissão para trabalhar fora. No entanto, esse cenário foi sendo reconstruído, tendo em vista a realidade que cercava as mulheres da época, que exigiu que as mesmas lutassem por mudanças, pois já não era somente uma luta por espaço no mercado de trabalho, mas também uma inserção necessária nesse mercado, sendo que as primeiras mulheres a trabalharem fora de casa foram as de classe baixa porque necessitavam do recurso financeiro para garantir sua sobrevivência. Sendo assim, Saffioti evidencia o papel da mulher neste âmbito, da seguinte forma:

> A mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela

> contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social. Nas economias pré-capitalistas, especificamente no estágio imediatamente anterior à revolução agrícola e industrial, a mulher das camadas trabalhadoras era ativa: trabalhava nos campos e nas manufaturas, nas minas e nas lojas, nos mercados e nas oficinas, tecia, fiava, fermentava a cerveja e realizava outras tarefas domésticas. Enquanto a família existiu como uma unidade de produção, as mulheres e as crianças desempenharam um papel econômico fundamental. (1976, p.32)

Nesse exemplo, torna-se evidente que, por se estar precisando de mão de obra, a mulher foi aceita, a fim de aumentar a produção em face do sistema vigente. E além de trabalhar fora, ela não deixou de cumprir com suas funções domésticas, de modo que sua jornada de trabalho duplicou. Desta forma, foi inserida ao mercado de trabalho, no qual muitas vezes enfrentou situações desumanas de trabalho, haja vista que durante décadas não havia direitos trabalhistas para as mulheres, os negros e outras categorias da sociedade, todavia sempre ganharam menos que os homens.

Até o final do século XIX o sexo só era permitido às mulheres se essas fossem casadas, e tinham que permanecer virgens até o casamento, e após isso não podiam se insinuar aos maridos para fazerem sexo, pois seriam taxadas de várias coisas. Era sempre ele quem tinha que tomar iniciativa para acontecer o ato sexual, tornando evidente que elas não tinham nenhuma liberdade sexual nem mesmo com seu próprio parceiro, sendo que esse assunto era visto como tabu. Como ressalta Beauvoir:

> [...]A civilização patriarcal votou a mulher à castidade; reconhece-se mais ou menos abertamente ao homem o direito a satisfazer seus desejos sexuais ao passo que a mulher é confinada no casamento: para ela o ato carnal, em não sendo santificado pelo código, pelo sacramento, é falta [...], ela tem o dever de defender sua virtude, sua honra; se “cede”, se “cai”, suscita o desprezo[...]. (1980, p. 112).

Entretanto, a partir do século XX, as coisas começaram a mudar, nesse período as mulheres começam a lutar por sua liberdade sexual, mesmo indo contra a tradição da sociedade da época, surgem casos de mulheres que fazem sexo antes do casamento, sendo essas repudiadas por tais escolhas. Além disso, elas começam a escolher seus parceiros com quem irão casar-se, tirando essa tomada de decisão dos pais.

> A forma tradicional do casamento vem sofrendo modificações, [...] escolhem-se mais livremente do que outrora, podem muito facilmente separar-se, sobretudo na América do Norte onde o divórcio é comum; há entre os esposos menor diferença de idade e de cultura do que antes, o marido reconhece com maior boa vontade a autonomia que a mulher reivindica; algumas vezes partilham em igualdade de condições os cuidados da casa; [...]. (BEAUVOIR, 1980, p. 244)

Embora existam outros segmentos sociais em que a mulher lutou para adquirir espaço, centrarei apenas nos que foram descritos, pois, por meio deles, são evidenciados os desafios que a mesma enfrentou para construir a identidade que tem hoje, e que por séculos luta contra sistemas que lhe oprime e escraviza, tornando a luta pelo espaço feminino ainda mais árdua Contudo, apesar da incessante luta feminina, é evidente que a figura feminina, ainda que pouco a pouco, vem obtendo o seu devido espaço dentro de uma sociedade que oprime todas as mulheres, incluindo a etnia branca, e como a história nos apresenta, ainda mais a etnia negra.

1.2 O FEMINISMO NA LITERATURA

A mulher sempre viveu submissa ao poder patriarcal, visto que a dominação dos segmentos sociais sempre esteve nas mãos dos homens, sendo que a mulher sempre foi oprimida e silenciada na participação social. No entanto, as mulheres, não conformadas, começaram a se unir e lutar por ideias comuns umas com as outras, visando buscar espaços diante do sistema que lhes oprimia.

Com isso, foram surgindo movimentos, como também nomeações para tais movimentos, sendo que hoje prevalece o que compreendemos como feminismo, de modo que seu objetivo principal é a igualdade entre o gênero masculino e feminino. No entanto, para debruçar-se na temática em questão, faz-se necessário compreender a definição do feminismo:

> [...] uma crença e convicção na igualdade sexual acoplada ao compromisso de erradicar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade. Embora o termo “feminismo” não exista em muitas línguas (o termo começou a ser usado na França e na Inglaterra a partir de 1890 e no Brasil em 1905), [...]. De fato, o feminismo é um movimento internacional histórico e culturalmente muito diversificado. (BONNICI, 2007, p. 86-87)

Tem-se outras definições que defendem essas ideias de acordo com cada área de conhecimento, as quais possibilitam o direito das mulheres em contribuir na sociedade em que se inserem. Nesse sentindo, acompanhemos alguns autores do segmento literário e a maneira como cada um versa sobre a questão feminista em suas obras:

> [...] por Millett (1970), Gilbert (1979), Weedon (1987), Kaplan (1986), Kolodny (1986) e outros versam sobre (1) a construção de uma identidade de gênero; (2) a luta e o engajamento políticos pela igualdade de poder; (3) o caráter distintivo (ou ausência) da escrita feminina; (4) a descoberta revisionista pela qual a experiência de mulheres na e com literatura é diferente daquela feita por homens; (5) as marcas que o gênero deixa nos textos literários e na história literária; (6) a convicção de que a crítica feminista é relevante para acabar com a opressão masculina; (7) a linguagem política

> sobre o gênero que recusa qualquer definição fixa de masculinidade e de feminilidade na cultura dominante. (BONNICI, 2007, p. 87)

Desse modo, percebemos como há o estudo sistemático das diversas posições sociais destinadas às mulheres, visando o fim da opressão da mesma, sendo o objetivo principal desse movimento político a igualdade entre os gêneros, no entanto para a fixação deste movimento foram travadas muitas lutas reivindicando direitos à figura feminina, uma vez que a mesma era sempre inferiorizada quando comparada à figura masculina. As primeiras movimentações e reivindicações por alguns grupos de mulheres foram mais tarde chamado de "Primeira Onda Feminista". Vejamos abaixo os direitos que as mulheres dessa fase exigiam

> Através de demonstrações ao ar livre reunindo milhares de mulheres propaganda inteligente e discussões nos jornais, as feministas conseguem em 1918 o direito limitado do voto para mulheres acima de trinta anos. [...] nas décadas de 1920 e 1930 luta para educar as mulheres politicamente. Em 1921 esses grupos formulam seis reivindicações: salários iguais aos dos homens; pensão para viúvas; direitos iguais na guarda dos filhos; leis sobre o abuso sexual de crianças; oportunidades iguais no serviço público; atendimento a mãe solteira. (BONNICI, 2007, p. 89-90)

Os direitos conquistados nesse período foram assegurados até o final da Segunda Guerra Mundial. E a partir de 1960, outros desafios surgiram e as organizações feministas se mobilizaram em prol do alcance de novos direitos, como também a luta para permanência dos direitos já alcançados. É então que se configura a "Segunda Onda Feminista".

> [...] começa a lutar pelo desarmamento nuclear, contra a guerra do Vietnã, a favor de salários iguais, creches 24 horas, contraceptivos de graça e aborto sob demanda. Através de seus jornais *Shrew, Spare Rib* e *WIRES*, o *Women's Liberation Movement* (WLM) luta para defender a mulher contra a violência doméstica e o estrupo (1972) e em favor de oportunidades iguais de trabalho (1974). Todavia, o WLM britânico adquire novo vigor nos anos 1980 e 1990 através de grupos feministas negros que desafiam o eurocentrismo da teoria feminista branca. (BONNICI, 2007, p. 90)

Desde a primeira onda feminista, já haviam grupos que eram contra o colonialismo e o racismo, sendo que as mulheres negras faziam parte destes grupos, como também outros que se identificavam com as questões que lutavam. Mas, foi na segunda onda feminista que o "ativismo negro" se sobressaiu, objetivando a melhoria comum para a humanidade, sem distinção de cor ou raça.

E, nesse sentido, com o passar dos anos, vários segmentos passaram por mudanças não deixando de refletir no campo feminista, com isso surge uma terceira onda, que tem como organizadoras mulheres advindas da segunda onda, mas agora com objetivos mais amplos de englobar as diferenças:

> É chamada por diversos nomes que remetem à convergência teórica e política proclamada como o pós-modernismo, inclusive reafirmando-se como "pós-feminismo" ou "feminismo da diferença", criticando a segunda onda por seu suposto caráter monolítico, universal e generalizante, sem perceber as implicações individuais ou subjetivas das mulheres. Elabora, por isso, uma teoria fluída, particular e flexibilizada, rechaçando o estruturalismo e focando-se principalmente no micropoder e na micropolítica. (BITTENCOURT, 2015, p. 13)

Em face disso, o "pós-feminismo" visa questionar os estereótipos de gênero construídos, a fim de afirmar que a categoria feminina pode ser mutável, ou seja, que seus direitos já conquistados podem ser melhorados. A terceira onda veio organizar as questões já levantadas pelas demais, de modo que cada grupo feminista atue coletivamente, não de maneira superior um sobre os outro, haja vista que os grupos lutam por questões que venham favorecer a liberdade geral das mulheres diante do sistema patriarcal.

Com a propagação do movimento feminista, até os dias atuais muitas ramificações surgiram, mas nos ateremos às que foram supracitadas. A partir de tais lutas, já podemos perceber os direitos conquistados pelas mulheres.

> Quanto mais avançar a teoria feminista, maiores serão as probabilidades de que suas formuladoras se libertem das categorias patriarcais de pensamento. Ou melhor, quanto mais as (os) feministas se distanciarem do esquema patriarcal de pensamento, melhores serão suas teorias. (SAFFIOTI, 2004, P. 56)

E, uma vez que seus direitos estejam assegurados, as mulheres passam a atuar nos diversos espaços sociais, contribuindo, assim, dividindo com a figura masculina o desenvolvimento da sociedade, assim como elas almejavam. E um âmbito que ganha notoriedade em face dessas lutas é o literário, muitas vezes não tenha sido reconhecido pelo julgo do patriarcado, mas conseguem representatividade após diversos trabalhos de autoria feminina, como também masculina que representam personagens femininas. Assim sendo, Zolin traz alguns apontamentos sobre feminismo literário:

> A crítica norte-americana Showalter (1985) sistematiza os estudos sobre a mulher e literatura identificando dois tipos de crítica: " a crítica feminista", que se dedica a mulheres como leitoras, ocupando-se da análise dos estereótipos femininos, do sexismo subjacente à crítica literária tradicional e da pouca representatividade da mulher na história literária; e o que ela chama de "ginocrítica", que se dedica a mulheres como escritoras, constituindo-se num discurso crítico especializado na mulher, alicerçado em modelos teóricos desenvolvidos a partir de sua experiência, conhecida por meio do estudo de obras de sua autoria. (ZOLIN, 2009a, p. 229)

Desse modo, compreende-se que o estudo sobre a mulher na inserção do campo literário é bem extenso, mas de qualquer forma comprova sua contribuição ao campo de forma positiva e o quanto ainda pode-se fazer para enaltecer e privilegiar sua participação enquanto autora, ou como leitora e/ou protagonista das produções literárias.

Por muito tempo as escritoras não podiam ter identidade própria em sua escrita, sendo que não podiam escrever sobre determinados assuntos, ou mesmo o que de fato queriam, elas escreviam de acordo com o sistema patriarcal, criando personagens estereotipadas em seus romances. Por isso, houve a necessidade de desconstruir tais imagens, após anos de luta as escritoras mobilizaram-se e atingiram seus objetivos.

> [...] a crítica feminista tem mostrado que a produção literária de mulheres após a década de 1960 tem seguido outros direcionamentos. As escritoras, partindo de suas experiências pessoais, e não mais de papeis sexuais atribuídos a elas pela ideologia patriarcal, debruçam-se progressivamente sobre a sexualidade, identidade e angustia femininas, bem como sobre outros temas especificamente femininos, como nascimento, maternidade, estrupo etc. (ZOLIN, 2009a, p. 231)

O campo literário permite à mulher ter um veículo de voz, isto é, por meio dele a figura feminina passa a descrever sua vivência enquanto mulher. Além disso, mediante este campo literário, torna-se possível desenvolver uma carreira para a figura feminina. E, tão importante quanto as possibilidades supracitadas, a escrita de autoria feminina, com este desenvolvimento apresentando liberdade e autonomia, possibilita à mulher viver de sua produção literária. “Entretanto, existe hoje um número assaz de privilegiadas que encontram em sua profissão uma autonomia econômica e social. São elas que pomos em questão quando indagamos das possibilidades da mulher e de seu futuro. ” (BEAUVOIR, 1980, p. 451). Com base no desenvolvimento do campo literário voltado a figura feminina, desencadeou-se um aspecto de libertação resultante da produção literária. Além disso, é por meio desse espaço, que a figura feminina também ganha representatividade: “a mulher precisa ter dinheiro e um teto todo dela se pretende mesmo escrever ficção” (Woolf, s.d., p. 6). Como descrito, o espaço reservado à mulher é fundamental para que seus anseios possam ser apresentados, além de a mulher encontrar no campo literário um meio de renda financeira, ela consegue sua liberdade intelectual.

No entanto, nem todas as mulheres que estão inseridas ao mercado de trabalho, em específico no segmento literário, conseguem autonomia social e muito menos econômica, visto que não são todas que atingiram ou atingem o cânone literário, mesmo que haja extensa

produção na área. Por isso, a busca da identidade continua, apesar de haver um grande legado no campo.

> Tendo detectado o fato que a mulher sempre fora produtora de uma literatura própria, embora esta tenha permanecido por tanto tempo no limbo, críticos (as) feministas, ao desempenharem a função de fazê-la emergir, reinterpretando-a e revisando os mecanismos dos pressupostos teóricos que a marginalizaram, têm-lhe perscrutado a trajetória com o objetivo de descrevê-la, dando a conhecer suas marcas, suas peculiaridades em cada época específica. (ZOLIN, p. 2009b, p. 329)

Desse modo, percebeu-se que mulher já fez seu nome no campo literário e continua a se destacar no campo, retratando várias histórias sejam elas ficcionais ou reais. A mulher vem apresentando diversas óticas no que diz respeito aos assuntos do cotidiano social, não focando apenas as questões voltada para si, mas temas abrangentes. Assim o fez a autora aqui estudada, preocupada com sua realidade local, buscou retratar seu contexto histórico por meio de um romance de ficção, abordando diversas temáticas que instigam seus leitores, e preferiu destacar a vida das protagonistas, duas irmãs que são gêmeas, sendo figuras femininas que tiveram que lidar com o caos de uma guerra.

2. ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS

2.1 CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE E A OBRA

O romance *Meio Sol Amarelo* (2006) foi escrito pela nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, uma escritora de grande prestígio atualmente. Ela nasceu na cidade de Abba, 1977, mas viveu a maior parte de sua vida quando estava na Nigéria em *Nsukka*. Seu pai era um professor aposentado de estatística e Vice-Chanceler Adjunto, e sua mãe a primeira secretária executiva na Universidade da Nigéria em *Nsukka*.

Quanto à sua formação, Chimamanda Adichie estudou Comunicação na Universidade Drexel, em Filadélfia, EUA. E continuou seus estudos em outras universidades americanas, mas sempre manteve seu interesse pela cultura Africana.

A autora começou a escrever quando ainda era criança, e aos 26 anos publicou seu primeiro, romance *Hibisco Roxo* (2004), o segundo foi em 2006, *Meio Sol Amarelo*, e assim como o primeiro tem como palco sua terra natal, a Nigéria, de modo que nos dois trabalhos a escritora recebeu reconhecimento internacional e múltiplos prêmios, mas foi por *Americanah* que ela recebeu o mais prestigioso, o *National Book Critics Circle Award*, em 2013. (ALVES e MENDES, 2017 *on-line*)

No que diz respeito à obra em discussão, *Meio Sol Amarelo*, ficou internacionalmente conhecida por versar sobre assuntos políticos, culturais e históricos do país de origem,

retratando tais temas com uma visão distinta das demais, sendo que ele foi adaptado para o cinema. O segundo romance de Adichie faz uso do gênero de ficção histórica, e busca retratar a população nigeriana antes, durante e após a guerra civil de Biafra, sendo que o título da obra faz referência à bandeira da República de Biafra. (ALVES e MENDES, 2017 *on-line*).

Após a independência d e muitas nações africanas, iniciou-se a guerra de Biafra, envolvendo a luta pela independência do povo *Igbo*[*]. A guerra de Biafra, trata-se de um conflito civil dentro da Nigéria, em que o povo *Igbo* queria formar o estado de Biafra. Houve um grande massacre do povo *Igbo*, sendo que a guerra durou de 6 de julho de 1967 a 13 de janeiro de 1970, foi um acontecimento marcante para a população Nigeriana, haja vista a tragédia cometida, de modo que milhões de pessoas morreram durante os conflitos da mesma, e os que não morreram sofreram com os fortes impactos desumanos causados durante o massacre, e que até hoje assombram os nigerianos.

> Poucos países africanos, após o período colonial, sofreram uma experiência tão traumática quanto à Nigéria, com a guerra de Biafra.
> [...]Biafra foi derrotado em 1970, deixando uma esteira de 2 milhões de mortos, a maioria pela fome, o país em frangalhos e a população na miséria. (CHAN, 2017, p. 5-6 *on-line*)

Nesse sentindo, a autora tematiza o conflito da guerra de maneira ficcional, embora, como seja um romance histórico, é perceptível que muitos eventos ficcionais representem, de fato, as tristes realidades ocorridas, como se percebe:

> [...]ela escreve ficção baseada na guerra da Nigéria, e ainda que tenha nascido anos após a guerra, tem uma narrativa potente e corajosa, relatando em seu livro que sua intenção é retratar "suas próprias verdades" imaginadas, apoiadas por leituras da guerra e pela história oral. (FREITAS, 2012 *apud* CHAN, 2017, p. 53)

A narrativa compõe trinta e sete capítulos, divididos em quatro partes, e não é linear, de modo que há um retorno narrativo entre o início e o final da década de 60, e no desenvolver do romance surgem vozes de várias personagens: a de Ugwu, um rapaz que veio de uma das aldeias para ser empregado doméstico de Odenigbo; a de Odenigbo, professor universitário de Nsukka; a de Kainene e a da sua irmã gêmea Olanna, e a de Richard, um jornalista britânico que planeja escrever um livro sobre a cultura *Igbo.* Baseado em fatos reais passados na década de 1960, a obra não é apenas um mero relato.

A história do livro se inicia de uma maneira realista comum, há duas irmãs que apesar

[*] Os Igbos (pronúncia ibos) são um dos maiores grupos étnicos africanos. Habitam do leste, sul e do sudeste da Nigéria, além de Camarões e da Guiné Equatorial.

de serem gêmeas apresentam personalidades bem distintas uma da outra, filhas de uma família rica e influente na Nigéria. Olanna, a mais querida pelos pais, não se interessa em envolver-se com os negócios da família, contrariando seu pai, muda-se para Nsukka, com o intuito de trabalhar como professora na Universidade local e morar próxima e seu companheiro Odenigbo, um "revolucionário nacionalista". Já sua irmã, Kainene, permanece em sua cidade natal, assumindo seu destino, os negócios da família, dispondo de uma praticidade e objetividade sem igual, fechando grandes contratos.

As duas mulheres tiveram o mesmo grau de instrução, no entanto, cada uma seguiu caminhos e ideais diferentes, assim sendo, não apresentavam traços de afinidade algum uma com a outra. E quando a guerra eclode, Olanna torna-se uma fugitiva, lutando com o marido (Odenigbo), Ugwu e a filha para sobreviver, enquanto Kainene torna-se fornecedora de suprimentos para a guerra, com o apoio do namorado Richard, um jornalista inglês branco que se apaixonou por ela e pela cultura *Igbo*.

E no decorrer da guerra cada uma se desdobrou como pôde, Olanna a princípio vivendo o lado mais extremo da guerra, lutando por comida, remédios, visto que a guerra acarreta grande privação em termos gerais, sendo que Kainene também lutou por sua sobrevivência, mas como ainda tinha alguns contatos, nos primeiros momentos desse conflito sofreu menos que a irmã, e no final da trama é uma personagem que se transforma, assim como sua irmã gêmea.

As protagonistas podem ser relacionadas à nação que se dividiu em busca de ideais distintos, mas que de alguma forma os laços permaneciam ligados, assim como as irmãs, os laços familiares se sobressaíram, e no que diz respeito à nação, foi necessário dividir a Nigéria na busca da pela fundação de independência de Biafra, no entanto, isso não aconteceu, e como antes era uma só nação composta apenas pela Nigéria, as cidades dessa nação se firmaram novamente, após a guerra.

2.2 "MEIO SOL AMARELO": UMA ANÁLISE DAS PERSONAGENS FEMININAS DO ROMANCE DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE

O foco do trabalho debruçou-se na comparação das protagonistas Olanna e Kainene, que eram gêmeas, personagens redondas que ganharam notoriedade na narrativa, visto que as mesmas se destacaram como mulheres, e muitas vezes foram além do seu tempo. Porém, em alguns momentos elas tiveram que encontrar meios para lidar com situações que lhes desagradavam ou com as quais não estavam de acordo, e assim, passaram toda a narrativa nessa avançando e retrocedendo no que diz respeito à condição de mulheres.

As irmãs, apesar de serem gêmeas, têm características físicas e personalidades

totalmente divergentes. Olanna demonstra ser bem mais amigável, delicada em suas atitudes e palavras, remetendo ao leitor como a filha preferida de seus pais, já Kainene é fechada, e a princípio vem como uma personagem inflexível, que não mede as palavras para falar com as pessoas. Podemos observar essas questões das irmãs em alguns trechos abaixo:

> Kainene sempre fora uma criança retraída, desagradável, a filha que, por nunca ter tentado agradar aos pais, deixava a tarefa toda para Olanna. (ADICHIE, 2008, p. 49)
> [...] Kainene com seus sentidos afiados, sua língua cortante e sua extrema auto-confiança. (ADICHIE, 2008, p. 254)
> "Você é a boazinha, a favorita, a beldade da família e a revolucionaria africanista [...]. Pura e simplesmente[...]" ADICHIE, 2008, p. 296)

Como já foi citado, Olanna não seguiu o destino que lhe foi reservado pela família, pois não assumiu os negócios do pai, estudou Sociologia na Inglaterra e quando retornou à cidade natal comunicou à família que se mudaria para *Nsukka* a fim de lecionar na Universidade local.

> [...] "Eu decidi ir para Nsukka. Vou partir em duas semanas. "
> Ela viu a maneira como o pai comprimiu os lábios. A mãe deixou a mão suspensa no ar por alguns instantes, como se a notícia fosse trágica demais para que continuasse salpicando sal na comida. "Pensei que você ainda não tivesse decidido", disse ela.
> "Não posso adiar mais, caso contrário eles vão oferecer o cargo para outra pessoa", disse Olanna. (ADICHIE, 2008, p. 42)

É notório que a tomada de decisão de Olanna não agradou seus pais, no entanto, não deixou de seguir seus planos, visto que era movida por novos ideais. Dessa forma, percebemos a construção de certa autonomia da protagonista, sendo que naquela época o que imperava era o poder patriarcal, uma vez que Olanna acaba tomando uma posição de mulher moderna, por contrariar seu pai e decidir seu destino no que diz respeito à sua vida profissional. Kainene, sua irmã gêmea, por sua vez, também estudou fora e agora com seu diploma em mãos se mudaria de cidade para assumir seu destino, os negócios do pai.

> [...]Vou me mudar para Port Harcourt para administrar os negócios de papai por lá. "
> "Quer dizer que Kainene vai administrar a fábrica de cimento?", perguntou o chefe Okonji, virando-se para o pai.
> "Ela vai controlar tudo que temos no Leste, as fábricas e nossos novos investimentos em petróleo. Ela sempre teve um excelente olho para negócios." (ADICHIE, 2008, p. 43)

Embora Kainene tenha assumindo os negócios do pai, ela não era a filha preferida. No entanto, tinha potencial para exercer o cargo tanto quanto Olanna, sendo que fechou vários contratos cobiçadíssimos na época, quando na maioria das vezes tais negócios eram dirigidos

por homens. A partir disso, se evidencia a coragem de Kainene por ter que lidar com negócios, demonstrando a autenticidade de uma mulher que apesar de não ir contra o que foi determinado por sua família, exerceu com eficácia seu campo de trabalho.

Dessa forma, no que diz respeito à área de trabalho, foram mulheres que conquistaram seu espaço diante da sociedade, em uma época em que o patriarcalismo ainda era fortemente predominante, mas conseguiram driblar tal sistema, demonstrando-se como a nova mulher nigeriana frente ao modernismo, visando viver sua independência na sociedade que estavam inseridas.

E durante a guerra, as irmãs gêmeas continuaram suas jornadas de trabalho em ambiente diferentes de seus habituais, por conta do conflito que se desenrolava, mas não mediram esforços para demonstrarem suas bravuras enquanto mulheres determinadas que lutaram junto a seus companheiros por suas sobrevivências e dos grupos tribais por onde passaram no decorrer do conflito. Olanna conseguiu ministrar aulas em lugares improvisados nas tribos, seu intuito maior foi propiciar educação às crianças em meio ao caos da guerra, de modo que ganhou total apoio de *Ugwu* e *Muokelu*.

> "Nós vamos dar aula de matemática, inglês e educação cívica todos os dias", falou Olanna para Ugwu e para a professora Muokelu um dia antes do início das aulas. "Temos de garantir que, quando a guerra tiver terminado, todos estejam preparados para entrar numa escola regular. Vamos ensiná-los a falar um inglês perfeito, e um ibo perfeito, como Sua excelência. Vamos ensinar a eles a ter orgulho de nossa grande nação. " (ADICHIE, 2008, p. 340)

Com a queda da cidade onde morava, Kainene migrou para *Orlu**, e passou a desenvolver trabalhos para a nação, como:

> Uma caminhonete entregou sacos de *garri* e Kainene disse a Harrison para não pôr a mão em nada, porque eram do campo de refugiados. Ela era a nova fornecedora de comida.
> [..] Podemos começar a plantar no campo. Podemos fazer nossa própria proteína, feijão de soja, *akidi*."
> [...] Podemos até lucrar com isso. Podemos realizar algo significativo aqui. (ADICHIE, 2008, p. 370 - 371)

Assim sendo, essas mulheres atuaram em cidades diferentes, cada uma trabalhando de acordo com o ambiente que as cercavam, lutando em busca da independência do novo país. Kainene, com aptidão para negócios, assumiu a função que lhe foi determinada de maneira responsável e teve grande otimismo em mudar a realidade dos tribais, seu trabalho desenvolvido

* *Orlu*, localizada na parte sul do estado de Imo, na Nigéria, é uma das quatro maiores cidades do estado de Imo.

no campo de refugiados foi crucial, pois era ativa na aquisição de melhorias possíveis para o centro. Olanna ministrava as aulas de forma simples, mas com grande pensamento futurista de instruir as crianças, de modo que, quando finalizasse a guerra, as mesmas estariam preparadas para continuarem seus estudos, uma preocupação a parte em favor de seus semelhantes.

Em outro aspecto que as irmãs tiveram total tomada de decisão foi na questão do casamento, de modo que, outra vez, tiveram que contrariar seus pais, mas antes de consumarem esse ideal em suas vidas, seus pais tentaram arrumar a uma delas um pretendente, como era comum fazer isso na época, fazendo parte também da cultura local. Então, os pais das gêmeas arranjaram a Olanna um candidato, o ministro das Finanças de *Lagos*, em troca o ministro daria ao pai um contrato que o mesmo estava almejando. E assim, os pais planejaram um jantar para que o ministro e Olanna pudessem se encontrar, nesse encontro ele tentou persuadi-la para não mudar de cidade e ficar em *Lagos* com ele, em troca daria tudo que estivesse ao seu alcance.

> Eu simplesmente não consigo tirar você da cabeça, disse o chefe Okonji de novo. “Olhe só, você não precisa trabalhar no ministério. Posso nomeá-la para diretoria, a diretoria que você quiser”. E puxou-a para si. Por alguns instantes, Olanna não fez nada, o corpo frouxo ao lado dele. (ADICHIE, 2008, p. 45)

A autora descreve fatos da nossa realidade, no que diz respeito ao casamento, visto que por muitos anos os casamentos eram arranjados pelos pais, sendo que o noivo deveria dispor de um bom poder aquisitivo para assegurar à noiva boas condições de vida. Nesse trecho, percebe-se que Olanna foi usada por seus pais em troca de benefícios financeiros, chegando a ser assediada de maneira direta por uma figura masculina bem mais velha que ela, e o que impressiona o leitor é a maneira como ele a aborda, usando de seu poderio e força para tentar convencê-la em ficar com ele, ou seja, usa sua posição social e dinheiro que tem para comprá-la.

Os pais das gêmeas não tentaram arrumar um marido para Kainene, porque além de ela não apresentar beleza que pudesse ser comparada com a de sua irmã, ela era tratada como um filho homem e que era destinada apenas a cuidar dos negócios da família. E o pai lhe tratava como tal: “Kainene não é só como um filho homem, ela é como dois filhos homens”, disse o pai. Olhou para Kainene desviou o olhar, como se o orgulho no rosto dele não importasse[...]” (ADICHIE, 2008, p. 43). A autora faz uma crítica de como a mulher era vista naquela época, pois por não ser considerada bonita, ela só serve para o trabalho e Olanna, por ser bonita, é usada como mercadoria em troca de contratos por seus pais. Olanna tem seu corpo objetificado, é usada como uma mercadoria, cristalizando a ideia de que mulheres bonitas não podiam ser inteligentes. Já com Kainene, a ideia é oposta, pois por não ser bonita, não serviria como

mercadoria de troca por seu pai.

Em meio ao mundo dos negócios, Kainene conhece o jornalista inglês Richard Churchill, e atam um relacionamento não convencional, que foi se intensificando ainda mais no decorrer do conflito de Biafra. No entanto, eles não realizaram nenhuma cerimônia (religiosa ou civil) de sua união, passaram a morar juntos, vivenciando um relacionamento moderno. A princípio, Olanna seguiu esse mesmo tipo de relacionamento com o professor revolucionário Odenigbo, sendo que ela se mudou de sua cidade natal para ficar próxima ao seu amante, e foi somente em meio à guerra que oficializaram sua união. E mais uma vez as personagens comportam-se de maneira livre frente às determinações sociais, que seria relacionar-se com alguém do sexo oposto e logo engrenar relacionamento sério, ou seja, oficializando a união com o casamento.

Antes de oficializar tal união, o relacionamento amoroso de Olanna foi comprometido, pois passou por alguns conflitos, como a resistência da mãe de Odenigbo em aceitá-la, visto que ela não pertencia à aldeia deles e porque ela era instruída. A família de Olanna também não aceitou Odenigbo, já que ele vinha de uma classe baixa, e por fim houve a traição de seu parceiro. “Amala, a calada, comum e feiosa tinha dormido no quarto do Patrão! Ugwu ficou imóvel. [...]. Sua preocupação era com o que iria acontecer se Olanna descobrisse. ” (ADICHIE, 2008, p. 252). Nesse trecho, Adichie critica o modo comum de os homens se comportarem na ausência de suas parceiras. Odenigbo agiu conforme o esperado pela sociedade da época. Porém, Olanna quando descobre a traição, fica magoada e quer terminar a relação, algo incomum para as mulheres da época. Sua própria mãe, por exemplo, era traída constantemente por seu pai, mas jamais ousava imaginar um divórcio.

Então, busca apoio a sua tia Ifeka, pois os laços com sua irmã e mãe não eram os melhores, e assim sua tia lhe aconselhou com uma forte mensagem de mulher simples, mas experiente, que vê além do seu tempo as relações afetivas: “Você nunca deve se comportar como se sua vida pertencesse a um homem. Ouviu bem?, disse tia Ifeka. “A sua vida pertence a você e só a você, *soso gi*.” (ADICHIE, 2008, p. 264). Nesse sentido, a voz de tia Ifeka vem caracterizar a mulher africana que mesmo sem conhecimento intelectual, mas com uma extensa experiência de vida, dispõe de total poder para decidir que rumo traçar em sua própria vida, mostrando que mesmo com o acontecido, sua vida deveria prosseguir, haviam outras coisas a ser priorizadas no momento, assim como seu trabalho, que favorecia sua independência financeira e, por conseguinte, sua liberdade enquanto mulher.

Desta forma, Olanna continuou a vida, com rompimento de seu relacionamento. Mas após alguns dias, Odenigbo a procurou para conversar, e com resistência ela o ouviu, sendo que

ele afirmou que seu envolvimento com Amala, resultou em uma gravidez. Novamente, Olanna depara-se com às frustações de relacionamento, nesse caso, a traição *versus* o fruto da traição. Ainda assim, Odenigbo, busca reatar seu relacionamento com Olanna, pedindo para enfrentarem juntos tal situação, mas Olanna fica sem reação. Posteriormente, Olanna envolve-se sexualmente com Richard, o parceiro de sua irmã, surgindo mais uma traição, agora da parte de Olanna para com sua irmã. Neste sentido, percebe-se que Olanna, embora ainda apaixonada por seu companheiro, decide trai-lo como uma forma de vingança, uma maneira de se igualar a ele. À época, era permitido aos homens terem casos extraconjugais, sem serem socialmente julgados por isso. Olanna, então, ao trair seu companheiro, age como um homem agiria na época, subverte a posição de passividade comum ás mulheres traídas da época, que aceitavam as traições dos parceiros sem reclamar.

E diante dos episódios de traições, as gêmeas recaem aos moldes tradicionais do patriarcado, de modo que acabaram por perdoar seus parceiros, a fim de não romperem seus relacionamentos, mas o relacionamento entre as irmãs é afetado de maneira direta, pois optam em ficar brigadas, por causa da traição que as envolviam. Neste sentido, embora ambas sejam mulheres `afrente de seu tempo e Olanna ainda tenha traído o parceiro para se vingar, as irmãs não conseguem escapar ao que pregava o patriarcado, que incutia nas mulheres a ideia de que deviam perdoar seus parceiros, já que a culpa de uma traição recaía sempre na amante, nunca no homem.

E por influência do meio que a cerca, Olanna acaba assumindo a maternidade, que não foi gerada, muito menos planejada, cria a filha do seu companheiro, o fruto da traição. Nesse sentido, surge a construção da família não tradicional nigeriana, onde há um pai biológico e uma mãe adotiva, da qual Olanna quebra a regra da época, visto que o destino das mulheres seria casar e procriar, a mesma até casa, mas não consegue gerar um filho (a) biológico, o que acaba lhe frustrando. Kainene também não tem filho com seu parceiro, seu compromisso é firmado em prol da nação, ajudando na criação dos filhos dos refugiados, defende como pode tais crianças, tanto no que diz respeito a violência física que assola as crianças, quanto na violência psicológica, quando algumas delas passam por abuso sexual.

Em face disso, Kainene arrisca sua própria vida para manter na ativa o campo de refugiado, visto que ela atravessou fronteiras inimigas, a fim de negociar e consegui suprimentos alimentícios, e nesse cruzamento ela desaparece. A personagem pode ser considerada metaforicamente como a “mãe da nação”, que luta e propicia na medida do possível o necessário aos refugiados. (RESENDE, 2013)

Kainene ainda passa por um incidente de preconceito pela ex-namorada de seu

companheiro Richard, quando esta descobre que Richard está namorando Kainene.

> "Fiquei sabendo sobre sua namorada, a filha do Chefe Ozobia", disse Susan, pronunciando namorada numa caricatura do que achava ser o sotaque de gente comum. "O nome dela é Kainene".
> [...] Mas quero que fique sabendo que vou continuar ocupada, enquanto espero você terminar seu caso com a escurinha" (ADICHIE, 2008, p. 276)

Susan, além de demonstrar preconceito em relação a Kainene por conta de sua cor, se referindo a mesma utilizando o termo *escurinha*, também a inferioriza por conta disso, acreditando que a relação deles não é uma relação séria, seria apenas um capricho de um homem branco que busca diversão com uma mulher negra, ainda que ela fosse instruída.

Portanto, a comparação das protagonistas da obra *Meio Sol Amarelo,* remete à construção da nova mulher africana, da nova nação, que apesar dos conflitos de guerra, colonização etc., lutam frente às circunstâncias do ambiente para o estabelecimento dos novos ideais que o feminismo defende. Os papéis dessas mulheres foram de fundamental importância na presente ficção, surpreendendo o leitor, pois apresentam-se como mulheres à frente de seu tempo, por seu protagonismo e força em uma guerra quase sem fim, mesmo que em alguns aspectos recaíam nos ideais do patriarcado.

Conclusão

Este trabalho utilizou a teoria do feminismo literário para analisar as personagens femininas mais importantes do romance *Meio Sol amarelo*, de Chimamamanda Adichie. Constatou-se que Kainene tem uma personalidade forte em comparação à de Olanna, não havendo laços amigáveis entre as gêmeas, visto que Olanna tentou algumas vezes aproximar-se da irmã, porém não conseguiu firmar a relação com a mesma, sendo que Kainene não abriu espaço para que isso acontecesse. E, foi ao final do caos da guerra que elas conseguiram firmar tais laços, após vários conflitos pessoais. Assim, Kainene da mesma forma que sua irmã, surpreende o leitor, pela mudança que apresenta no decorrer da história.

Ambas surpreendem o leitor à medida que são retratadas como mulheres à frente do seu tempo, o que se evidencia quando tomaram a decisão em escolher seus parceiros, contrariando seus pais, quando decidem viver em uma união não tradicional, sendo que Kainene renega o casamento até o fim da narrativa, quando Olanna rompe seu relacionamento por ser traída, quando elas, à princípio não perdoam as traições de seus parceiros, sendo comum as mulheres perdoarem as traições na época, quando Olanna escolhe seu segmento profissional, e em meio

à guerra lutam como ativistas por suas sobrevivências, de seus parceiros, seus parentes e refugiados. Como desfecho, observa-se que Kainene superou-se ainda mais, pois demonstrou patriotismo a seu povo, colocando sua vida em risco pela nação.

As irmãs intrigam o leitor ainda quando recaem nos ideais do patriarcado, como por exemplo: Kainene não questionou o que foi determinado por seus pais para sua atuação de trabalho; assumiu-se como a "feia" da família, por isso, sua finalidade era somente o trabalho; Olanna foi usada como mercadoria por seus pais por ser "bonita". Sobre os relacionamentos amorosos, apesar de resistirem por um tempo, acabaram perdoando seus parceiros pela traição, sendo que Olanna assume, ainda, a maternidade de uma filha que seu parceiro tivera fora do casamento.

Desta forma, percebeu-se que há uma diferença significativa entre as personagens no que diz respeito ao modo de viver e ver o mundo, mas em meio ao conflito da guerra são obrigadas a seguirem num mesmo ideal que seria o da nação. Mesmo assim, tentam agir de acordo com suas respectivas diversidades, em meio ao caos, nos remetendo à construção da nova mulher nigeriana, ora à frente do seu tempo, ora submissa ao sistema patriarcal, mas que não mediram esforços para lutarem contra opressão vivida tanto antes como durante a guerra de Biafra.

Portanto, este trabalho buscou retratar que apesar de existir um sistema que oprime a mulher, há lutas e conquistas registradas por meio do movimento feminista que vão em confronto a tal sistema, e a obra *Meio Sol Amarelo* retrata esses contrates, haja vista que isso ainda é fortemente vivido na sociedade atual. É uma obra narrada e escrita por uma mulher, compondo uma visão profunda sobre a figura da mulher dentro de um sistema em que ainda imperava o patriarcalismo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio Sol Amarelo**; tradução Beth Vieira. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline**. O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ALVES, Ana Claudia Oliveira Neri; MENDES, Algemira de Macedo. **Chimamanda Ngozi Adichie:** Narrativas que Rompem com as Fronteiras da Identidade. Piauí, 2017. PDF.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida- Tradução de Sérgio de Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BITTENCOURT, Naiara Andreoli. **Movimentos Feministas**. Disponível em: <http://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/viewFile/16758/11894>. Acesso em: 09 de outubro de 2018.

BLOG SPOT. **O fascinante Universo da História**. Disponível em: <http://civilizacoesafricanas.blogspot.com/2010/02/ibos.html>. Acesso em: 24 de novembro de 2018.
BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista:** conceitos e tendências. Maringá: Eduem, 2007.
CHAN, Mauricio Aparecido. **Leituras sobre a Guerra de Biafra (1967-1970):** As Versões do Conflito nos Textos de História e Literatura. 2017.. Monografia (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências, Universidade de Brasília. Brasília. 2017
FREITAS, João Felipe Assis de. **Guerra de Biafra:** as imagens de uma tragédia refletidas no espelho social. Mato Grosso, 2012. PDF
PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**; tradução Angela M. S. Côrrea. — São Paulo: Contexto, 2007.
RESENDE, Roberta Mara. **Gênero e nação na ficção de Chimamanda Ngozi Adichie**. São João Del Rei, 2013.PDF
SAFFIOTI. Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. Prefácio de Antônio Cândido de Mello & Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.
SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.
SQUARESPACE. **Cidade irmã de Austin na África Ocidental**. Disponível em: <https://www.austinsistercities.com/old-orlu-nigeria/>. Acesso em: 26 de novembro de 2018.
Woolf, Virginia. **Um teto todo seu.** Tradução: Vera Ribeiro. Ed. Integral. São Paulo: Editora Nova Fronteira, s.d.
ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009a. p. 217-242.
ZOLIN, Lúcia Osana. Literatura de autoria feminina. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana. **Teoria literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009b. p. 327-336.